



CALVÁRIO

Crianças recém-nascidas que são abandonadas

HOJE em dia vamo-nos habituando a notícias estranhas sobre crianças recém-nascidas que são abandonadas entre os arbustos das matas, em caixotes de lixo, em baldes nos sanitários, nas próprias maternidades ou entregues a familiares e vizinhos.

Apesar da frequência destas situações, causa sempre um calafrio e protestos generalizados o conhecimento de novos casos. As causas são múltiplas, mas estes factos repetem-se, sobretudo, nas sociedades mais desenvolvidas, o que significa que a evolução e o desafogo material tornam o homem mais desumano e egoísta.

Também, por vezes, estes casos batem à nossa porta.

Uma jovem anda perdida nas ruas da cidade. Já teve três filhos, mas não os aceita. Os dois mais velhos, de seis e quatro anos, foram acolhidos por familiares. O mais novo, de dois anos, com encefalite, é recolhido no hospital infantil. Mas pouco há a fazer-lhe, concluem os clínicos. Como a mãe não quer, o Tribunal procura uma solução. E esta é o Calvário.

Uns senhores vêm trazê-lo. Recebemo-lo de bom grado. Não anda nem fala. Alimenta-se com dificuldade. As sequelas da doença são visíveis, mas não lhe roubam o sorriso aberto e meigo.

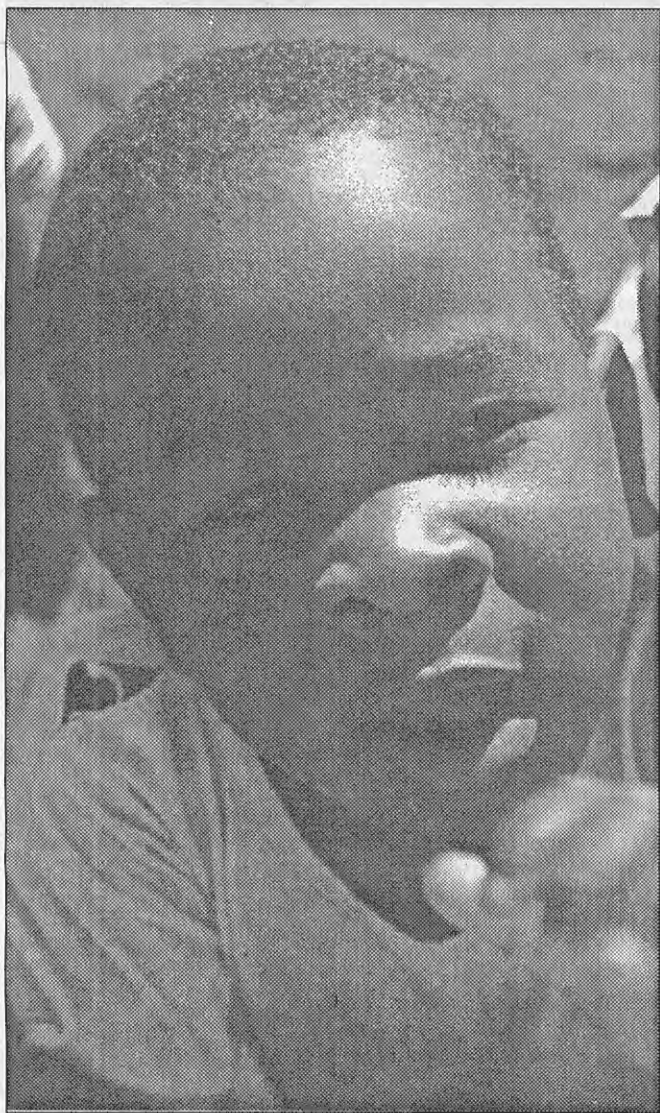
Este inocente vai estar connosco até não sei quando. É o resto do paraíso perdido.

Faz bem contemplá-lo. A alegria que irradia, a visibilidade que salta nos seus olhos, revela o lado mais inocente e límpido do ser humano. É um anjo entre nós. Faz bem olhar para ele.

Criança vai sê-lo a vida inteira. E é delas o Reino dos Céus. Deus pô-lo entre nós como o valor maior que entrou nesta Casa. Ele é a nossa maior riqueza neste momento. Não o vou trocar por nada.

Aqui há dias vieram trazer-nos, duma fábrica de Guimarães, retalhos de pano acolchoado. Que lindas colchas nós fizemos para as camas dos rapazes e doentes! Com restos humanos que a sociedade enjeita, nós vamos também tecendo um mundo novo de partilha e amor.

Padre Baptista



O Patricio tem uma história comovente, como certamente todos eles nas Casas do Gaiato. Foi encontrado pelo Padre Patricio (por isso o nome) mamando na mãe que já estava morta. É uma criança alegre que estende logo os bracitos para receber beijos e leva o tempo a chuchar no dedo.

UMA CARTA

EM Agosto de 1991 conheci, aqui em Sines, o Padre José Maria que ora está em Moçambique. Nessa altura eu e meu marido estávamos aqui, de férias, pois ele trabalhava para a FAO num projecto da pesca do atum. Em princípios de 1992 visitámos o Padre José Maria na Massaca e toda a fazenda que fora entregue à Obra da Rua. Nessa ocasião já lá havia 17 crianças.

Regressámos a Portugal em 1992, definitivamente. Poucos meses após o nosso regresso (só lá estivemos vinte meses) morria o meu filho mais velho com 34 anos. Depois, meu marido.

Tínhamos pensado voltar. África prende. Só que tudo se modificou... Este ano pensei ir a Moçambique, recebendo o convite de familiares que vivem em Maputo. Quando lá estivera, vivia na Ilha da Inhaca. Agora visitámos Maputo e, como não podia deixar de ser, voltei à Massaca. Se não tivesse visto em 1992, hoje não acreditaria, se me dissessem, no que vi.

É uma obra impressionante que surge do nada e onde se vê a alegria no rosto de cerca de 100 crianças saudáveis, com um ar lavado, embora nas suas brincadeiras se sujem.

Gostei francamente de lá ir e até de lá estar um tempo, se pudesse. O meu filho ficou lá uma semana a ajudar na carpintaria e surpreendido com a energia dimanada pelo Padre José Maria, que parece ter que estar ao mesmo tempo em todo o lado!

Assinante 62360

Hora de pôr o telhado e as portas

Mais uma carta de pároco de várias freguesias da raia espanhola:

«É uma casa para família só com paredes, sem telhado nem portas, que vós visitastes e prontificastes a ajudar. É realmente uma necessidade e uma urgência, pois têm andado em casas emprestadas pela família e agora têm de deixar aquela onde vivem. Por isso, é hora de lhe pôr o telhado e as portas e já se poderão meter lá dentro, sem grandes condições.»

As paredes foram levantadas, já há anos. É um agregado composto pelos pais e filhos pequenos. Vivem do dia-a-dia a trabalhar no campo. É uma

Património dos Pobres

zona de pouco trabalho e a agricultura, como todos sabemos, está de rastos.

As paredes levantadas e envelhecidas, junto à estrada nacional, são um desafio à nossa sensibilidade e um convite à generosidade do nosso coração.

O correio, no dia seguinte, levou cheque com o recado de nos participar quando estiver pronta. Eis o convite.

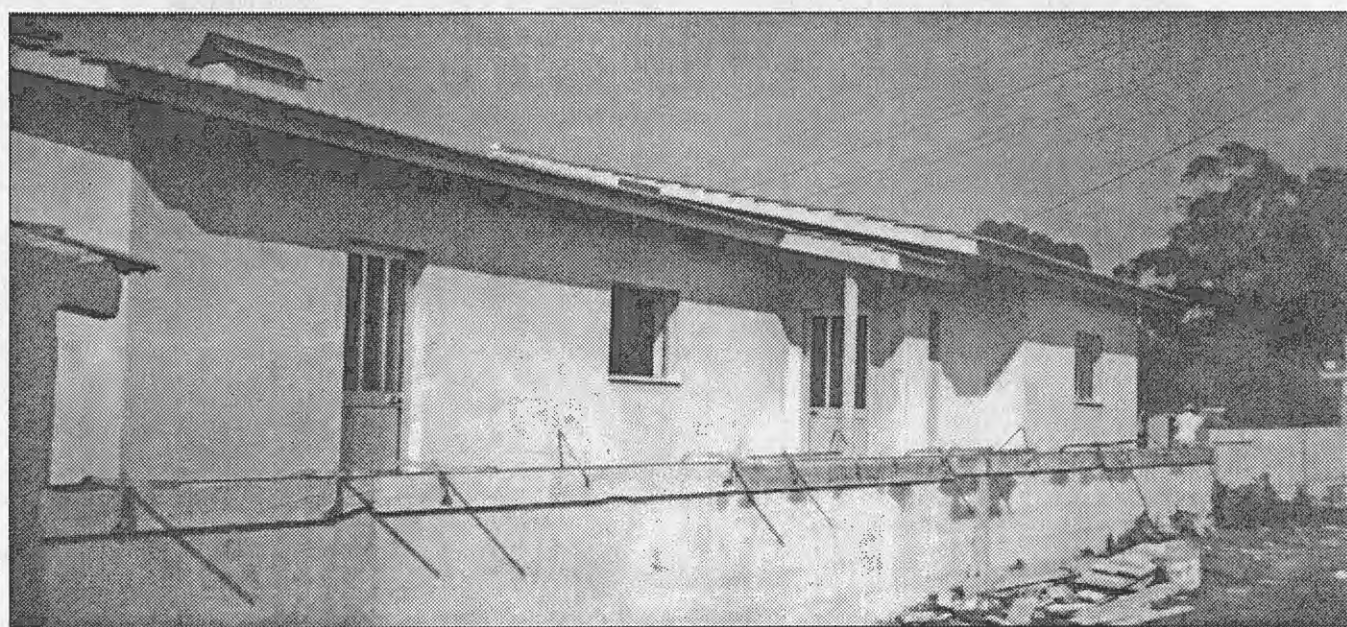
Maravilhosa solução

Outra carta:

«Uma família, os pais ceguinhos e dois filhos menores, vivem numa casa de renda, em más condições. A esposa é bastante doente, mas, graças a Deus, faz as suas actividades domésticas com a ajuda dos filhos. A Conferência Vicentina da paróquia tem-se preocupado com esta situação. Conseguiu comprar um terreno e, no início deste ano, procedeu à primeira parte da construção da habitação. Mas, para a casa ter o mínimo de

Continua na página 4

É uma habitação das mais amorosas que temos visto



Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Aquele casal doente, sem outros auxílios, recuperou, pelo menos, psicologicamente. Damos graças a Deus.

De conta dos nossos Leitores, a pobre dona de casa avia-se numa loja, como vulgar cliente, até x contos de réis por mês. O necessário para o dia-a-dia, para que recuperem física e espiritualmente.

Aí reinou o álcool. Fraqueza de muitos. Também de alguns Pobres.

Vamos procurar levantar esta gente até onde for possível, que os homens, por natureza, têm liberdade para o bem e para o mal.

Aqui, não é só necessária a mercearia. Também outras coisas mais, para além da visita do vicentino. Até receituário bem caro. Mas Deus providência na hora própria.

Ainda agora deixámos na mão dum jornaleiro, homem sem família nem ninguém, o preciso para cumprir o seu desconto à Segurança Social (regime especial) para que beneficie de pobres regalias, sim, mas sempre melhores do que nada.

PARTILHA — O habitual óbolo de 3.000\$00, do assinante 17258, Baguim do Monte — Rio Tinto, «para pagamento da renda de casa da viúva».

Um cartão amigo, do assinante número 20, do Porto, com um cheque para os Pobres. Deus o ajude nos seus noventa anos.

Assinante 4456, da Covilhã: «É bom que, nas férias, lembremos os que têm a vida difícil, como são aqueles que auxiliam. Assim, aí vai a minha pequena ajuda para ser aplicada no que for mais preciso na Conferência. Fico muito agradecida se algum Pobre me quiser lembrar em suas orações».

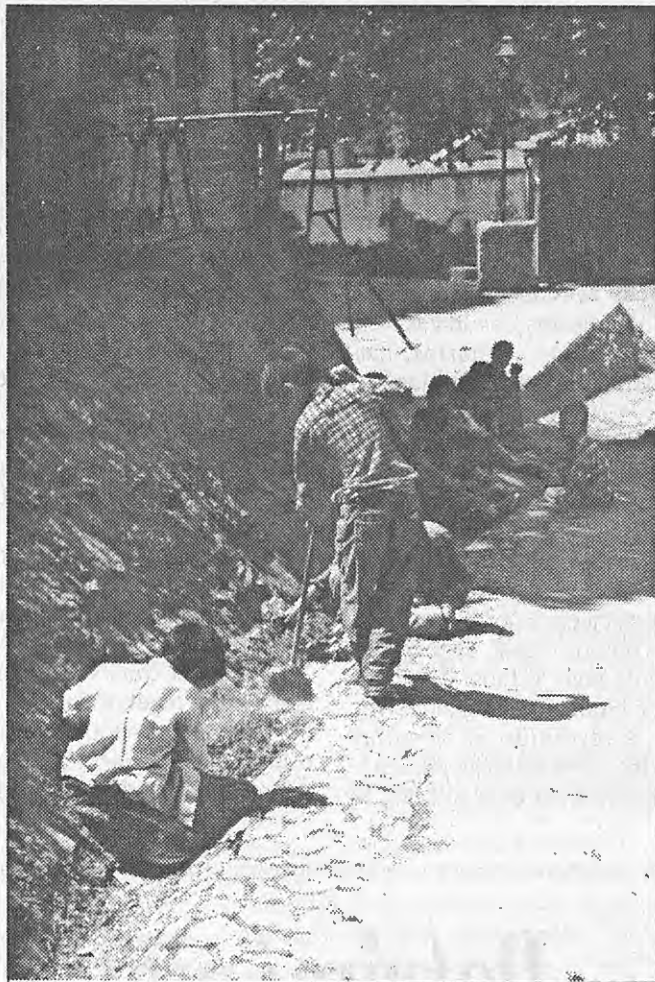
Assinante 31104, de Lisboa: «Está na data de preencher o vale para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e que junto segue. (...) Peço que rezem por mim. Que as vossas preces e as minhas intenções se evolvam aos Céus numa espiral de luz e prece comum — e os que perdi estejam em paz». Estão. O nosso Deus é sumamente Misericordioso!

«A partilha de Julho/Agosto (30.000\$) com saudações fraternas e muita amizade de uma Assinante de Paço de Arcos.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO



Divisa dos «Batatinhas»: «Trabalhar como quem brinca».

PAÇO DE SOUSA

CONTENTOR — Preparamos mais um contentor para Moçambique.

Vamos mandar muita coisa para lá: Todo o equipamento da cozinha: fogão, forno, marmitta, fritadeira, etc. E roupa, alimentos e outros produtos.

OBRAS — Os troilhas estão ainda no salão a trabalhar, e os estudantes a picar as paredes que hão-de levar novo reboco. E trabalho barulhento e sujo. Só é possível nas férias.

LAVOURA — O milho está uma categoria, apesar da seca que prejudica a horta e a vinha. Com esta seca, as culturas são regadas com o tanque grande da mata e também com os dos campos novos.

Quando for recolhido, o milho será um bom alimento para o gado. Esperamos ter, ainda, uma boa vindima.

AZURARA — O terceiro turno já está em casa. Todos estão contentes porque gozaram umas férias maravilhosas. Ficaram muito morenos.

PISCINA — Continuamos a tomar banho e a divertimo-nos na piscina. Agora, todos em Casa, a piscina fica mais cheia de malta.

GENTE NOVA — Temos sete novos gaiatos porque alguns, mais velhos, andam a procurar emprego para trabalharem.

José Manuel «Pepino»

GADO — Já temos mais leitões. E seis vitelos. As galinhas continuam a dar bastantes ovos. No pomar os animais são bem tratados e uma galinha da Índia está a chocar.

VISITAS — Continuamos a receber muitas visitas. O que mais queremos é ser visitados pela nossa própria família e por pessoas que desconhecemos.

LENHA — Entretanto, os rapazes da lenha terão muito trabalho porque as folhas começarão a cair. Vem lá o Outono. E parece, até, que já começou!

FRUTA — Já recolheram as pêras e agora colhem as maçãs. Estamos comendo a nossa fruta à sobremesa.

«Cato»

DESPORTO — A nova época futebolística está no início. Como sempre, nestas situações, deparamos com falta de diverso material para aperfeiçoamento técnico dos nossos atletas que queremos sejam cada vez melhores — como desportistas e como homens. O desporto, em nossa Casa, tem também fundamento pedagógico. Ajuda ao convívio e educa na forma e modo de estar em grupo e em interligação de grupos.

No dia 2 de Setembro os nossos miúdos defrontaram a equipa juvenil de futebol de Mouriz (Paredes). O jogo, embora competitivo, decorreu num clima agradável. O adversário é mais rodado. Daí termos perdido por 2-4.

No dia 3, os seniores foram jogar a Vila Nova de Gaia com o Grupo Desportivo Café Cidade Nova e não tiveram melhor sorte que os juvenis: perderam por 2-3. No fim do jogo as equipas confraternizaram em saborosa merenda — por eles oferecida. Muito obrigado!

Para o primeiro jogo das nossas equipas, e frente a adversários bem organizados, os resultados aceitam-se com naturalidade.

Aos nossos Amigos agradecemos os convites que nos enviarem e, desde já, damos nota da nossa disponibilidade. Bem hajam pela vossa ajuda!

Repórter X

VENTOS!

*Ó ventos da Boa Sorte!
Vinde em protecção
Daquele Povo sem Nação.
Não cai pinga de chuva.
Não tem colheitas maduras.
Os capacetes da sua salvaguarda
Estão com medo e em retirada.*

*Ó ventos da Boa Esperança!
Vinde em socorro
Daquele povo sofredor.
A alimentação tarda a chegar.
Os cuidados da Medicina
Não conseguem curar.
Os guerrilheiros
Da vingança
Violam os seus direitos
Até à matança.
A vida assim não é vida.*

*Ó ventos da Boa Vontade!
Vinde reunir as famílias
Desesperadas e perdidas
Na confusão torturante das armas.
E dai-lhes pão, saúde, casas,
Campos férteis, jardins floridos,
Automóveis robustos e bonitos
E renovadas cidades!*

Manuel Amândio

BENGUELA

ESTUDO — Sendo responsável pela nossa biblioteca, e pelo estudo dos rapazes, começo por agradecer em nome da comunidade o grande amor que o povo de Portugal tem para com as nossas Casas do Gaiato em Angola, em particular pela Casa de Benguela. Ultimamente temos recebido ofertas de livros, material escolar e outras coisas que fazem parte da nossa vida. Espero que estas ofertas não sejam as últimas. Digo isto porque ando com certas dores de cabeça, pelos gritos que os rapazes fazem aos meus ouvidos, dizendo o seguinte: — *Ó mano Nelito* — é assim que me tratam. — Queria consultar uma palavra difícil no dicionário e eu *desfalcadamente* ponho-me a olhar para a estante dos livros e não vejo nenhum dicionário, seja de inglês, de francês ou de português. Aguardo uma resposta de esperança.

Para terminar, quero informar mais uma vez que já recomeçaram as aulas na cidade de Benguela, porque estávamos em férias forçadas por causa da greve dos professores. A última novidade

é a futura escola em construção, junto da antiga. Toda a gente de boa vontade há-de ajudar-nos, se Deus quiser.

Nelito Tchimuku



O «Cato» é crónista de Paço de Sousa

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Começaram a construir o muro no nosso campo de futebol. Vão ser feitas umas bancadas. Esperamos que todos gostem. As escolas também estão em obras. Já tiraram as telhas e demoliram o tecto. O prédio da antiga tipografia será para as escolas. Vamos ter melhores instalações.

A nossa água vem da mina para o novo depósito com 36 mil litros. E será bombeada para a Casa.

ANO ESCOLAR — Brevemente começará um novo ano lectivo. Que todos aproveitem porque o ano passado correu bem a uns e mal a outros.

AGRICULTURA — Estamos a apanhar a espiga do milho na terra do tio Jaime e os «Batatinhas» começaram a descamisá-la. Esperamos ter uma boa colheita.

FUGAS — Fugiu o Luís «Basuca», o Paulo Renato e o Ruben. Desejamos que não haja mais fugas!

CARAS NOVAS — De Setúbal veio mais um rapaz. É o Sandro que já começou a habituar-se à nossa Casa. Semanalmente, o nosso Padre João ou um motorista vão buscar ofertas: frutas, bolos, gelados, etc. Agradecemos aos nossos Amigos.

FUTEBOL — Não podemos jogar no campo, mas ainda aproveitamos algumas partes do terreno para fazer um jogo.

GADO — Uma porca deu à luz treze leitões. Morreram quatro e os nove restantes estão bem. As nossas vacas estão a gostar de comer a erva que todos os dias ceifamos.

Rui «Pequeno»



A nossa Casa do Gaiato de Benguela, para além da promoção moral e social do garoto da rua, também ajuda as populações.

TRIBUNA DE COIMBRA

Há necessidade de falar dos Pobres

A CABO de regressar dos peditórios tradicionais do Verão. Bem junto das praias, já se vê, que neste tempo é local apetezido e movimentado. São momentos em que se deixa a Casa, com algum sacrifício. Em compensação, encontramos algum repouso, até só, com a mudança de ares. Além disso, trazemos para Casa a amizade de tantos que nos estimam, expressa nas suas ofertas. Constatamos como há necessidade de falar dos Pobres; de ouvi-los de viva voz, pois o perigo de os ignorar, espreita. Não nos arvoramos em heróis — Deus nos livre de nos sentirmos sós nesta labuta! Mas não deixamos de explicar o pequenino sinal do Reino de Deus que somos e procuramos ser; que continua a ser a Obra do Padre Américo, em pequenos e modestos casos da nossa vida. É isso que toca o coração de muitos que nos ouvem. É uma catequese ilustrada que tem como fonte principal o Evangelho de Jesus Cristo proclamado, meditado e acolhido amorosamente pela Igreja em cada domingo. Levamos para o altar a vida dos Pobres, em tantos casos,

tão sacrificada. «*Abraçamo-la* — como dizia o Padre Américo — *como quem abraça cibórios do Pão Vivo que Deus nos dá do Céu*». Anunciamo-la com humildade e sem desprezo pelos demais. É um tocar de alma e coração. É este toque sobrenatural que converte, gera comunhão, e abre o coração à partilha.

De ano para ano os peditórios sobem de «preço», um pouco mais. A Figueira da Foz marca sempre uma presença superior e sobrenatural e nem todos os que ali passam férias são ricos — maior o mérito. É uma graça muito grande.

Hoje poucos pedem assim, deste modo, atidos ao subsídio de cada mês. Não foi assim em outros tempos, apostolicamente muito menos organizados e economicamente muito mais débeis. O temor da fome corporal do semelhante suscitava o fervor mendicante: «*Fazei o bem, irmãos, fazei o bem por amor de Deus*», gritava S. João de Deus estendendo a mão por amor dos «loucos». E o mesmo fazia S. João Bosco para erguer o órfão e o abandonado. Neste campo a Igreja tem uma tradição eloquente, em testemunhos imortais. Contestá-lo é ignorância sem perdão e atrevimento rude.

A gratuidade gera e alimenta a vocação de serviço ao Semelhante

Pedir por amor de Deus e do Próximo. O Padre Américo constituiu-se, por mérito do Céu e próprio, um grande apóstolo, de um único voto. Esta forma de apostolado, hoje tão obnubilada por outros métodos mais conformes ao tempo que, não raro, reduzem o ardor apostólico a um tecnicismo, ainda que bem competente e remunerado.

Nada paga a gratuidade no dar e receber. Sabemos que é esta gratuidade que gera e alimenta a vocação de serviço ao semelhante. Como não será difícil perceber também que é a riqueza e a abundância na vida que perigosamente diminuem o dom de si próprio.

«*A riqueza é traça*», dizia o Padre Américo. Talvez por causa dela muito «tecido» ande roto e outro não tenha conserto. Deus nos dê sempre a necessidade de pedir, de bater a tantas portas, que de outro modo nunca se abririam ao dom de si. Deus nos dê sempre a graça humilde de receber para dar. Os nossos peditórios são um testemunho.

Padre João

CANTINHO DOS RAPAZES

O «culto da facilidade»

FOI, sobretudo, a pensar em vós que escrevi no número passado o que o Júlio colocou em fundo e «baptizou» como entendeu — ele que é quase sempre o «padrinho» dos meus escritos.

Mas o pensamento não se esgotou porque não foi, apenas, de África que trouxe o enjoo referido. Ele já ia de cá e continua cá. Vem de um ambiente que nos cerca e que eu não sei julgar em perspectivas económicas ou políticas;

mas receio, numa óptica social, como perigoso portador de desumanidade. Toda a gente, hoje, é sensível ao fenómeno das poluições. Mas as mais temíveis não serão, decerto, as que afectam o mundo material em que vivemos, mas as que penetram na mente e no coração do homem e o pervertem. Como a nossa atmosfera necessita da integridade da camada de ozono que a envolve, também o espírito do homem (a sua inteligência, a sua vontade,

mesmo a sua sensibilidade) precisa de um ambiente que não deturpe a sua natureza — e esta é a que Deus fez e rege. Ninguém é criador de si próprio.

Ora «*na natureza* — e cito um princípio científico que também ele rege o universo físico — *nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*». A criação é o potencial imenso de bens que Deus põe à disposição do homem e o desafia a transformar. Nada se perde, porque o que não for achado hoje, pode sê-lo amanhã — constitui uma reserva. Nada se cria porque ao homem não é possível agir o quer que seja sem algo de pré-existente que ele transforme. Transformar é, pois, a sua obra, a sua oportunidade de re-criação, na medida em que dá a algo criado uma nova forma, mercê do seu engenho e do seu trabalho.

A escultura na sala dos cicerones era possível sem a raiz do velho castanheiro que o Neca achou e não deixou *perder* em lenha e, com sua arte e seu esforço ao longo de vários anos, transformou naquela obra maravilhosa que causa a admiração e o deleite de quem a vê!

O papel do homem, a sua grandeza, está em não deixar perder nada do que Deus criou e em produzir novos e admiráveis bens a partir dos adquiridos por gerações que o antecederam.

Pois não é isto mesmo que nos ensina a História com as suas *Idades*? a da *Pedra Lascada*, o tempo do Homem primitivo; que vai evoluindo e dá lugar à da *Pedra Polida*. E depois as *Idades do Ferro* e do *Bronze*... e por aí fora até à descoberta da *máquina a vapor*, causa da grande

revolução industrial no século passado; até ao nosso tempo — a era do domínio do espaço sideral e da informática! E o que será daqui a cem e a mil anos?!

Todo este evoluir é fruto do trabalho do Homem: da sua inteligência e das suas mãos.

Pois a *Idade* histórica que é a nossa, tão brilhante nos parece e está contaminada por um vírus que provoca no Homem a destruição desta força que o faz evoluir! Não sei como chamá-lo, numa palavra breve com que quero agora concluir. Talvez, o *culto da facilidade*...

Padre Carlos

PENSAMENTO

Não se pergunta a ninguém como se faz: faz-se.

PAI AMÉRICO

Cartas

A Obra da Rua é uma bênção para todos nós

(...) Sou Evangélico. Pertenço à Igreja Evangélica Baptista de Lisboa. Conheço e aprecio a Obra da Rua desde Moçambique e agora neste cantinho tão nosso.

Todos trabalhamos na Seara do Senhor e a vossa Obra é uma bênção para todos nós. O seu trabalho em Angola (Malanje e Benguela), em Moçambique e no Continente, pela vossa persistência, leva-me a orar por vós e agradecer ao nosso bom Deus pelo vosso testemunho. Bem hajam.

Voltarei breve. Saudações fraternais.

Assinante 64637

Presença

Desejo comunicar, na minha simples presença, das alegrias que passaram pela Obra da Rua. Quer o 16 de Julho, sempre tão lembrado, quer agora Causa tão santa do querido Pai Américo, não podem passar sem que sintamos que o Senhor vela, guia todo esse caminhar. Pedimos ao bom Deus a sua glorificação canónica.

Na minha humildade, também me junto aos que sentem tamanha alegria e até a protecção do Pai Américo, em toda a Obra da Rua.

Isto tudo para dizer que não quero deixar passar momento tão alto; e, reparto um pouco com os pequeninos...

Assinante 21374

Cantinho das Senhoras

1 De férias após três anos em Benguela (Angola). O carinho especial com que fui recebida por muitos amigos e pela família, recordou-me a resposta que o Senhor deu a Pedro: — *Não há ninguém que tendo deixado algo por minha causa não venha a receber muito mais já nesta vida* (Luc. 18, 29 e 30).

Foi especialmente importante o contacto com as senhoras que trabalham noutras Casas do Gaiato. Sinto-me agora mais próxima. Somos «uma família» e quanto mais se estreitarem os laços, melhor para todas.

Aquelas que se interrogam e para quem a Obra da Rua surge como resposta só posso dizer: — Venham! Os rapazes ou os doentes precisam de vós; nós, também; e vós precisais da Obra da Rua para serdes fiéis ao projecto do Senhor para a nossa vida. E fidelidade é caminho de Felicidade.

2 «Somos chamadas a ser mães.» Sinto hoje, de forma nova, o chamamento que nos é feito a sermos mães!... Como é difícil! Sem Ti, Senhor, não seria possível sequer sonhar.

As mães de sangue vão aprendendo dia-a-dia com amor e dor, gradualmente, à medida que às necessidades dos filhos se vão manifestando.

E nós que fazemos? Como respondemos aos apelos destas crianças e jovens que têm necessidade de quem os escute, lhes responda, os olhe, numa palavra os ame!?

Pedimos oração para que Maria, a Mãe, os ame através de nós, libertando-nos do egoísmo (que é o pai da irritação, impaciência, incompreensão...) e nos faça canais do Amor para eles.

Teresa

PASSO A PASSO

Sombra que acendeu o coração

DO outro lado da fronteira só vemos as sombras. E estas enganam frequentemente. Ou por excessivo aumento da realidade que lhes dá origem ou pela desvalorização que dela fazem...

Ia a passar na nossa carrinha numa das muitas ruas em terra na periferia desta cidade de Malanje. Curioso pela novidade que se me apresentava diante dos olhos. Casas em adobe com cobertura de zinco marginavam o caminho. Crianças e adultos, uns em movimento outros parados, davam conta da nossa passagem. De todos eles, ficou-me na memória uma aplicação prática da frase que é o rodapé de um quadro colocado na parede do nosso refeitório: «*As crianças são o sorriso de Deus para os Homens*»...

Eram dois pequenos, acorados na berma da estrada, entretidos nos seus afazeres de criança. Olham para o carro e um deles para mim. Enquanto fecha a mão direita e levanta o dedo polegar, sorri e diz: — *Senhor Padre!*

Não me conhecia de lado nenhum. Também nada me identificava. Como me reconheceu? Por esta sombra viu a realidade

que lhe acendeu o coração e o seu rosto denunciou — a Igreja.

Sim, é uma constatação depois muitas vezes repetida. Amam a Igreja. Esta gente conhece Jesus Cristo...

As crianças chamam à Mãe de Deus Avé-Maria! Não sabem que Seu Filho é o Mestre! Mas sabem dizer sim. Talvez a palavra mais ouvida e falada ao longo destes dias. E é preciso coragem, muita coragem para dizer sim...

E mais difícil ainda, é dizer obrigado. Sentido, sincero, humilde. O próprio de quem vive o que diz. Não porque se recebeu alguma coisa material, mas tão só porque se foi reconhecido num «bom dia».

Sim, obrigado, elementos identificadores do Pobre. Ele é o preferido.

Senhor Padre! Jesus Cristo sorriu-te! E o sorriso de Jesus é sedutor...

Tantas carências! As mais elementares. As mais básicas à sobrevivência e para dar razões para levantar, e andar, e subir...

Ainda assim necessária a fronteira. E que venham alguns configurar a sombra à realidade, para que as penumbras vão desaparecendo, pois daqui para aí se vêem gigantes com pés de barro.

Padre Júlio



Lá, como cá, a limpeza doméstica é da mão deles. Que «o trabalho é rei»!

Benguela

Carestia da vida

DE há muito me venho queixando da carestia da vida. Algum tempo atrás não havia que comprar. Agora, que as mercadorias vão aparecendo, não há dinheiro que chegue para o pão de cada dia. Estou a falar pela multidão de gente anónima. Não sei, na verdade, como consegue sobreviver! Os mais velhos e as crianças, porque são mais frágeis, morrem em número muito elevado. Todos os dias nos batem à porta, à busca de tábuas para o caixão. Já não temos, nem sequer para valer aos vivos. Bem desejávamos dar a mão aos que querem cobrir as suas casas, ainda que fosse só um quarto; mas é impossível, porque uma chapa custa mais que as paredes todas. Não são

notícias novas, mas actuais.

Em condições tão difíceis, as regras da convivência normal não funcionam. É um problema de sobrevivência. Há que lançar mão de todos os meios. Aparece, deste modo, uma mentalidade nova, à margem dos valores em que assentam as relações normais entre as pessoas. É tanto mais grave esta situação quanto é atingida a maioria do povo.

E as crianças?!

E as crianças? Formam um grupo muito sensível dentro da maioria desse povo. Por exemplo, roubar é sempre uma tentação muito grande para este tipo de crianças abandonadas. Mas, se é esse o ambiente em que crescem... Educar, nestas condições, é gerar de novo. As nossas grandes dores vêm daqui. Lutamos quanto

podemos para que não falte o necessário a estes rapazes. O ambiente, porém, lá de fora, tem muita força negativa sobre eles. Só um acompanhamento cuidado pode segurá-los. É, por certo, uma regra universal.

Queremos que continuem a dar-nos a mão e não tenham medo dos que andavam perdidos e foram encontrados. Temos sinais muito consoladores de que não é em vão que se trabalha por amor. Daqui não recebemos nada. Só mãos estendidas a bater-nos à porta. É um serviço verdadeiramente gratuito que prestamos. Daí, o apelo que fazemos a que continueis a dar-nos a mão para continuarmos a servir também em vosso nome.

Renúncia da Diocese de Beja

Chegou-nos, há tempos, a notícia do envio do fruto da renúncia quaresmal da Diocese de Beja para as crianças de Angola, a ser distribuído por nós, nesta zona. Somou um milhão de escudos. Outro tanto coube à Casa do Gaiato de Malanje para o mesmo fim. No que nos diz respeito, estamos a investir na escolarização das crianças, com interesse particular daquelas que nunca viriam a frequentar a escola. De dentro e de fora da Casa do Gaiato. O edifício escolar novo vai subindo, lentamente embora, mas vai subindo. Estamos a pensar nas carteiras e nos meios para adquirir a madeira, porque queremos fazê-las nas nossas oficinas de car-

pintaria e serralharia. Trata-se de um investimento de base para o verdadeiro desenvolvimento.

Outro sector importante, na área das crianças, é o da alimentação. A começar pelos mais pequeninos. As mães vêm, todas as manhãs, com seus filhos pela mão, outras com eles às costas, à busca da comida feita de farinha com leite e açúcar. Depois, regressam ao trabalho. É uma forma de ajudar a crescer as mães e os filhos. Falo das mães, porque não se sabe dos pais.

A dádiva que veio da Igreja de Beja, irá toda para as crianças. Ao Senhor Bispo e cristãos e pessoas de boa vontade que deram parte de si mesmos para que as crianças de Angola pudessem ter mais vida, toda a nossa gratidão.

O trabalho é caminho para a recuperação

Acabo de dar uma volta pelo campo e outros lugares de trabalho. Este é o caminho para a recuperação e reconstrução do que foi destruído: o caminho do trabalho. De tão perdido que anda este povo, vai ser difícil a uma boa parte entrar por ele. Há, pois, que trabalhar muito com as gerações mais pequenas, para que não se percam. Sem deixarmos de olhar para o imediato, temos que pôr nossos olhos muito mais longe para que a Esperança jamais venha a morrer.

Vão-se abrindo os caminhos para o interior do país. É sinal de que os caminhos para a paz também se vão abrindo. A pouco e pouco, as populações deslocadas regressam às suas terras de origem. Ao passar, ontem, em frente dum acampamento de refugiados, vi ainda muita gente que ficou. O medo não deu lugar à segurança. Acreditamos e esperamos!

Padre Manuel António

DOCTRINA



A leitura que se funda no Evangelho, nunca foi estéril.

É chegada a hora de conjugar o verbo agradecer na primeira pessoa; e dirigi-lo assim a todos quantos têm prestado homenagem ao Pobre do Tugúrio naquelas coisas que dizem, na Imprensa e fora dela, acerca do livro *Pão dos Pobres*. Não se trata de crítica laudatória a insigne escritor, como convém fazer e sempre se faz às obras de categoria; não. São desabafos da alma; são toques de coração que, por muito sentir, prende a fala e faz chorar.

As cartas pequeninas, de todos os dias e de toda a parte, são um «ai que eu não sabia!, padre» e «prometo ser melhor». E aqueles senhores de alta posição social que das praias e das termas têm pedido o livro «para aqui distribuir», esses mesmos, sem dar por ela, formam nas multidões de outrora, cosidos à mais gente no curioso e alvorçado *volumus Jesum videre!* Sim; também eles quorem ver Jesus... na vida e nos ais do Pobre resignado.

OH, tu não sabes quanto pesa na balança da tua vida a sorte dos Irmãos que sofrem, sem primeiro saberes quanto e como a suportam! Por isso mesmo, agora que o sabes, caminhas vergado e arrependido — e queres mais Pão! Sim; no próximo Outubro terás o segundo volume que, por ser da mesma fornada, vai ter o mesmo consumo. A edição do primeiro está esgotada!

ADor é um mistério necessário e divino. Sem efusão de sangue não há beleza moral, nem remissão de pecados. Tudo quanto há no homem de grande, sublime e santo, vem do Sofrimento! Ai de quem nunca sofreu, que esse nunca viveu! Tem tal poder de simpatia a dor dos nossos Irmãos que te faz cair no chão, só porque ouves falar nela. Que faria se a visses no semblante deles?!

ELE faz tanta pena ver como os sábios do mundo ateimam em chamar ciência, tratada em compêndios e discutida em lições, aquilo que é uma necessidade da nossa natureza e um elemento indispensável à perfeição de cada um — a Dor. A gente, às vezes, lê nos jornais que chegou um professor de fora, à sala dos Capelos, com a dor debaixo do braço, a falar dela. É dor de livros, seca e peca, que não comove nem faz doer. Ai que se esses senhores de renome quisessem aprender no Getsémani, então sim, que seriam mestres e podiam ensinar! Assim... falam!

P. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Retalhos de vida

«Carlitos Russo»



Sou o José Carlos Cardoso Pereira Lopes,

conhecido por «Carlitos Russo».

Frequento o 6.º ano do Ensino Básico (Telescola). Tenho doze anos. E ajudo na roupa, fora das horas escolares.

Nasci na cidade do Porto, freguesia de Miragaia.

Fui acolhido na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque a minha mãe não me podia sustentar.

Estou aqui muito bem. E, de vez em quando, recebo a visita da minha família.

«Carlitos Russo»

Continuação da página 1

condições indispensáveis de habitabilidade, tivemos de recorrer a um empréstimo. Apesar das dificuldades dessa Obra, se for possível, pedimos a vossa ajuda. Agradecemos em nome da referida família.»

Numa das últimas tardes escaldantes fomos, estrada fora, até à povoação. Estavam à nossa espera o casal de ceguinhos e dois vicentinos. Tomámos novamente os nossos lugares e só parámos junto da casa nova onde andavam a acabar os anexos.

Mal chegámos, ficámos maravilhados com o ambiente e tudo o mais. Os

dois filhos davam serventia. O mais velho poisou o balde e veio ao carro pegar nos pais pela mão e assim os acompanhou até ao fim. Um quadro de ternura.

O prédio tem dois quartos espaçosos, quarto de banho completo, sala comum com lareira e ligação à cozinha já apetrechada e no pátio acabavam os anexos.

A ceguinha, sempre guiada pela mão do filho, verificava com os dedos o azulejo nas paredes e o ladrilho no chão.

Ficámos com a impressão de que é a habitação mais amorosa e mais bonita que temos visto. Tudo concebido e feito com muito amor.

Demos os parabéns. Dei-

xámos ajuda. Partimos contentes com aquele encontro e tristes pela pequena ajuda que pudemos entregar.

Padre Horácio

Outra carta

Quero unir-me ao Processo de Beatificação do Pai Américo e ajudar a meu jeito, com este poema:

Bendito destino! Que te fez viver! Bendito o dia! Que te viu nascer.

Sofrendo e amando! Fizeste a caminhada! Neste mundo girando! Tu és alvorada.

Assinante 65602